

TEXTO DE CARLOS HEITOR CONY:

Sou admirador de Fernando Pacheco há anos. Ele era criança, um guri inquieto pelas coisas boas e novas da vida. Vindo de Belo Horizonte, quando o levava à praia, em Copacabana, Fernando aspirava o ar, aquele ar de maresia espaiada, que Nelson Rodrigues dizia ser o cheiro de floresta submersas e menstruadas.

Ligado precocemente aos cheiros, às cores, ao som, cresceu sabendo que tinha um recado a dar, adquirida sua visão de mundo, o tempo faria o resto. Integrou o Beatkings, caiu de cabeça no som, era o baterista do grupo, sabia que o ritmo é tudo na música e na vida. Desde o Sol que nos criou e ilumina, até o trigo que se transforma em pão e nos alimenta: tudo é uma questão de timing. Se Deus existe, ele toca bateria.

Antes do som, foi atraído pela cor. Gostava de ver Domenico Lazzarini pintar na casa de sua tia, observava e admirava o artista italiano que dava aulas em faculdades de arte. E quando Fernando estourou, estourou com tudo a que tinha direito: poucos artistas plásticos das novas gerações usam e abusam da cor como ele. Suas cores são fortes, disciplinadas, geométricas em alguns casos, mas desordenadas, delirantes em outros. Ele não se utiliza da cor como veículo, como adjetivo ou advérbio para reforçar sua obra. A cor é substantiva, ela se basta, dá sentido, profundidade e amplidão a tudo que faz, seja um quadro iconoclasta, ou uma decoração disciplinada, quase à Mondrian, por exemplo, como em alguns figurinos que transforma em obras ambulantes de criação.

Nascido em São João del-Rei, transplantado em criança para a Belo Horizonte brotada da uma prancheta moderna, ele absorve o núcleo da arte mineira no que ela tem de mais expressiva, o colonial barroco, os veios aparentemente sombrios de Guignard, que nada têm de soturno, pelo contrário, são sempre para cima. No ambiente de uma cidade criadora como Belo Horizonte, Fernando sente-se em casa. Atinge sua maturidade mas repete a criança que está sempre farejando o ar, apalpando as coisas e a vida, em busca da expressão exata, da verdade apreendida em cor e ritmo.

Carlos Heitor Cony
Rio de Janeiro, 2004